



**Este artigo** está licenciado sob uma licença Creative Commons Atribuição 3.0 Unported.

**Você tem direito de:**

Compartilhar — copiar e redistribuir o material em qualquer suporte ou formato

Adaptar — remixar, transformar, e criar a partir do material para qualquer fim, mesmo que comercial.

**De acordo com os termos seguintes:**

Atribuição — Você deve dar o crédito apropriado, prover um link para a licença e indicar se mudanças foram feitas. Você deve fazê-lo em qualquer circunstância razoável, mas de maneira alguma que sugira ao licenciante a apoiar você ou o seu uso.

Sem restrições adicionais — Você não pode aplicar termos jurídicos ou medidas de caráter tecnológico que restrinjam legalmente outros de fazerem algo que a licença permita.



**This article** is licensed under a Creative Commons Attribution 3.0 Unported License.

**You are free to:**

Share — copy and redistribute the material in any medium or format

Adapt — remix, transform, and build upon the material for any purpose, even commercially.

**Under the following terms:**

Attribution — You must give appropriate credit, provide a link to the license, and indicate if changes were made. You may do so in any reasonable manner, but not in any way that suggests the licensor endorses you or your use.

No additional restrictions — You may not apply legal terms or technological measures that legally restrict others from doing anything the license permits.

# MERIDIANO 47



INSTITUTO BRASILEIRO DE  
RELAÇÕES INTERNACIONAIS

ISSN 1518-1219

Boletim de Análise de Conjuntura em Relações Internacionais

Nº 90  
Janeiro – 2008

## S U M Á R I O

2 Recrutas ou profissionais? Os dilemas das forças armadas dos EUA na virada do século XXI

João Fábio Bertonha

5 China e Índia – A disputa por “Soft Power” (II)

Paulo Antônio Pereira Pinto

7 Chávez e as FARC: um novo dueto bolivariano com fins midiáticos

José Ribeiro Machado Neto

10 As eleições 2008 nos EUA: das “primeiras” primárias à super terça

Cristina Soreanu Pecequilo

13 Estados Unidos: campanha presidencial sem definição para o Iraque

Virgílio Arraes

15 Quênia: crise política, rivalidades étnicas e o problema do Estado-Nação

Márcio Santos de Santana

### RESENHA

18 Sudsenvolvimento sustentável

Fábio Albergaria de Queiroz

# Estados Unidos: campanha presidencial sem definição para o Iraque

VIRGÍLIO ARRAES\*

Iniciou-se em 2008 o processo dos dois principais partidos norte-americanos para a indicação de seus candidatos à Presidência da República. Embora o evento mais importante ocorra no início de fevereiro – na chamada super-terça – é perceptível a cautela dos candidatos ao abordar a política externa atual – tão polêmica quanto desafortunada – principalmente no quesito relativo à II Guerra do Golfo. Assim, os pretendentes envidam esforços em questões internas relacionadas, por exemplo, ao social.

Contudo, 2007 tornou-se o ano com mais mortes para os efetivos da coligação anglo-americana e seus apoiadores – policiais iraquianos e milicianos curdos – ao totalizar mais de dois mil e quinhentos falecidos, dos quais 901 estadunidenses. Em 2006, o número havia sido de 822.

Não obstante os conservadores minimizarem os custos humanos – inclui-se o demorado tratamento de recuperação física e, muitas vezes, psicológica de inúmeros combatentes, sob responsabilidade do Departamento de Veteranos – há os materiais, tão significativos que poderão obstar o próximo ocupante da Casa Branca, se democrata, a reformar o sistema de saúde – caso aplicado de modo universal, o modelo pretendido poderia ultrapassar mais de 50 bilhões de dólares anuais.

O Congressional Research Service estimou em 2006 o gasto semanal de dois bilhões de dólares para o confronto no Iraque. Naquele ano, Joseph Stiglitz, prêmio Nobel de Economia de 2001, previu o total das despesas ao final da confrontação em pelo menos um trilhão de dólares.

Apesar de os democratas posicionarem-se contra a guerra, nenhum deles advoga a idéia de uma retirada acelerada: Hillary Clinton, ao invocar a justificativa de que os aliados locais ou empresários

e trabalhadores norte-americanos – sem olvidar as grandes corporações lá instaladas – poderão ficar à mercê da sanha dos fundamentalistas, defende o retorno aos poucos, com a conclusão para 2013, desde que haja a permanência de algumas unidades de matiz antiterrorista em solo iraquiano.

Remoça-se, por conseguinte, a postura empregada na América Central entre as décadas de 1970 e 1980 quando o governo manteve, além de tropas de elite, consultores militares, a fim de anular a ‘subversão’ patrocinada supostamente por Cuba ou União Soviética, pondo em segundo plano a autonomia política de grupos locais.

Sem ainda dispor de sua senadoria por Illinois em 2003, mas mesmo assim contrário ao conflito desde os seus primórdios, Barack Obama manifestou-se também por fases, porém até 2010; por fim, John Edwards, já desistente, inclinava-se a um recolher imediato de 40 a 50 mil e, após um ano de avaliação, mais efetivos seriam despachados para os Estados Unidos. Sem chances desde o desenrolar da eleição, Bill Richardson – também já fora do páreo – e Dennis Kucinich patrocinariam a saída imediata.

No plano retórico, portanto, as propostas democratas dos dois contendores são acanhadas. Não se considera ainda a pressão política do Pentágono ou de setores energéticos para uma presença mais constante no Iraque por causa do peso estratégico do país. Nem mesmo o quadro recessivo estadunidense – com a retração dos preços do petróleo – diminui a importância de fixar-se em solo iraquiano.

No lado republicano, os três principais disputantes – Mike Huckabee, John McCain e Mitt Romney – apóiam quase irrestritamente a guerra, de sorte que não se comenta a possibilidade de um cronograma de retirada. Pesquisas de opinião

\* Professor do Instituto de Relações Internacionais da Universidade de Brasília - iREL-UnB (arraes@unb.br).

indicam que o eleitor norte-americano dedica mais atenção à possibilidade de diminuição do ritmo de crescimento da economia do país do que ao confronto no longínquo Oriente Médio.

Se os republicanos escolherem McCain, condecorado capitão da reserva da Marinha e ex-prisioneiro de guerra por meia década, há chances de o candidato a vice dos democratas ser um militar como o General da reserva Wesley Clark, por exemplo.

Em decorrência da forma de recrutamento, o voluntariado – opção vigente desde o desgaste na Guerra do Vietnã - a classe média norte-americana não se envolve diretamente com os percalços do atual conflito. Meia década de invasão incorporou ao eleitorado de lá a sensação de cotidianidade. Há a natural perda de impacto das dificuldades e dos reveses, observados e assimilados sempre à distância.

Além do mais, o comando militar sob responsabilidade do General David Petraeus adotou tática concernente a tornar menos vistoso o conflito do Golfo. Há um êxito relativo, visto que restou despercebido, no ano passado, o dobrar de cidadãos iraquianos presos, com a conseqüente convicção das forças armadas de que os ataques a alvos não militares arrefeceriam. Segundo Petraeus, de junho a dezembro, houve uma diminuição de 60%, o que balizaria a sua opção por mais detenções ;

o aumento de sete vezes o número de ataques aéreos, com a natural diminuição da exposição em combates das tropas, ampliadas em mais 30 mil; e, por fim, a pressão para que o parlamento iraquiano aprovasse legislação permitindo o retorno ao serviço público dos antigos filiados ao Partido Baath, do regime de Saddam Hussein.

Acresça-se que a Casa Branca não promoverá certamente cenas como as de 2003, quando o Presidente George Bush vestiu-se de militar para proclamar no porta-aviões Abraham Lincoln o êxito da campanha, ainda que haja frases desmesuradas, devido ao caráter ufanista, como a emitida em sua visita de oito dias ao Oriente Médio no começo de janeiro em que ele afirmou que quando a história (do conflito) fosse escrita, na última página estaria que a vitória havia sido obtida pelo país para o bem do mundo.

No entanto, diante do enfraquecimento da economia em 2008, parcela considerável da população poderá sofrer, porque não haverá condições financeiras suficientes para que o próximo mandatário conserve o atual grau belicista da política externa e, ao mesmo tempo, promova reformas sociais, como na área de saúde, a mais preocupante para os cidadãos pobres e de classe média baixa.

## O que é o IBRI

O *Instituto Brasileiro de Relações Internacionais – IBRI*, organização não-governamental com finalidades culturais e sem fins lucrativos, tem a missão de ampliar o debate acerca das relações internacionais e dos desafios da inserção do Brasil no mundo. Fundado em 1954, no Rio de Janeiro, e transferido para Brasília, em 1993, o *IBRI* desempenha, desde as suas origens, importante papel na difusão dos temas atinentes às relações internacionais e à política exterior do Brasil, incentivando a realização de estudos e pesquisas, organizando foros de discussão, promovendo atividades de formação e atualização e mantendo programa de publicações, em cujo âmbito edita a *Revista Brasileira de Política Internacional – RBPI*.

Presidente de Honra: José Carlos Brandi Aleixo

Diretor Geral: José Flávio Sombra Saraiva

Diretoria: Antônio Carlos Lessa, Antônio Jorge Ramalho da Rocha, Pedro Motta Pinto Coelho.

Para conhecer as atividades do IBRI, visite a homepage em <http://www.ibri-rbpi.org>